

## ANÁLISE DOS RELATOS REFLEXIVOS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO CURSO MENINA CIÊNCIA – CIÊNCIA MENINA DA UFABC

Ludmylla Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>  
Debora de Cassia Gomes Cruz<sup>2</sup>  
Maria Inês Ribas Rodrigues<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo consiste em um recorte do curso Menina Ciência – Ciência Menina (MCCM), realizado pela Universidade Federal do ABC, cujo objetivo principal é mostrar o papel de mulheres cientistas em diferentes áreas de atuação, humanizar a sua figura, ampliando os horizontes de meninas estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Na sua terceira edição, em 2021, com formato remoto, o curso teve uma vertente direcionada para professores atuantes nesse nível de ensino, com o intuito de contribuir com a inserção dessas temáticas nas suas práticas docentes. Tais profissionais participaram de palestras, rodas de conversa, além da interação com todo o material do MCCM. Com abordagem qualitativa, a presente pesquisa tem como objetivo destacar as contribuições do curso MCCM na perspectiva desses docentes. Os dados foram tratados sob a ótica da Análise Textual Discursiva, de Moraes e Galiazzi. Como atividade avaliativa, os professores elaboraram um relato reflexivo sobre o curso, que foi subdividido em quatro eixos: 1- Palestras, rodas de conversa e interações; 2- Intervenção no contexto escolar; 3 - Reflexão sobre a prática docente e autoavaliação; e 4 – Avaliação do curso: sugestões, críticas e comentários. Este trabalho deteve-se ao eixo 1, onde os sujeitos destacaram as temáticas mais interessantes para a sua prática docente; contribuições das interações para a troca de conhecimento e quais as principais reflexões durante as discussões nos fóruns. Ao todo, 24 professores enviaram seus relatos, contudo, aqui foram tratados apenas 10. Os resultados apontam o entendimento dos sujeitos participantes para o direcionamento do protagonismo estudantil de meninas; da humanização das cientistas enquanto mães e donas de casa; a aproximação da ciência com o cotidiano das estudantes, mostrando, por meio de experimentos e palestras, que existe ciência em todos os lugares, ampliando as suas percepções acerca da importância de trabalhar a temática mulheres na ciência.

**Palavras-chave:** Mulheres na Ciência, formação de professores, protagonismo estudantil, prática docente.

### INTRODUÇÃO

Ao estudar sobre as mulheres nas Ciências, especialmente em um contexto histórico, surge a necessidade de procurar entender os cenários e fatores, sejam eles culturais, sociais, econômicos e políticos, que contribuíram para que as mulheres fossem, durante tanto tempo,

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Curso em Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC-UFABC, [ludmylla.ribeiro@ufabc.edu.br](mailto:ludmylla.ribeiro@ufabc.edu.br);

<sup>2</sup> Mestranda do Curso em Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC-UFABC, [cassia.gomes@ufabc.edu.br](mailto:cassia.gomes@ufabc.edu.br);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Centro de Ciências Naturais e Humanas - Ensino de Física – da Universidade Federal do ABC - UFABC, [mariaines.ribas@ufabc.edu.br](mailto:mariaines.ribas@ufabc.edu.br).



“ofuscadas” no contexto da própria História da Ciência. Entender e discutir como isso impactou e ainda impacta na nossa sociedade, o porquê de existir poucas abordagens sobre cientistas mulheres nas escolas, nos livros didáticos e nos meios de comunicações, e como isso reflete no processo de ensino e aprendizagem, é imprescindível para contribuir com a propagação de uma ciência mais igualitária.

No contexto escolar, os professores precisam destacar o papel e a importância das mulheres na História da Ciências para incentivar e encorajar meninas a seguirem carreiras científicas e a desmitificar a ideia, que foi perpetuada por muito tempo, de que as mulheres são menos capazes de seguirem carreiras que são predominantemente masculinas, como as áreas das ciências exatas, por exemplo.

Contudo, sabe-se que, infelizmente, muitos professores acabam recorrendo, na grande maioria das vezes, ao livro didático como o seu principal aliado para o planejamento e a execução das aulas (FRACALANZA; MEDGID NETO, 2006). Isso ocorre por inúmeros fatores, como a falta de tempo, por trabalharem em contratuais e/ou em mais de uma escola, para procurar outros recursos; o trabalho para além da sala de aula que profissão docente proporciona; o desinteresse em participar de formações continuadas, de trazer novas propostas metodológicas para a sua prática docente.

Mas, é importante que os professores de Ciências tenham constâncias em suas formações continuadas, para que possam suprir as necessidades e os desafios que surgem na sala de aula. Para que tenham um olhar crítico diante dos seus recursos didáticos. Tal necessidade se justifica, dentro da perspectiva abordada aqui, porque, infelizmente, poucas mulheres cientistas são destacadas nos livros didáticos (HEERDT; BATISTA, 2017). Ao analisar tais matérias é possível perceber que o estereótipo de cientista, é em suma, caracterizado como um homem (CASAGRANDE; CARVALHO, 2006; MARTINS; HOFFMAN, 2007), e caucasiano, com cabelos brancos e com barba (MEAD; MÉTRAUX, 1957). Assim, aqueles professores que pouco recorrem de outros recursos, além do livro didático, acabam contribuindo para a disseminação do estereótipo do fazer ciência como algo voltado para ideia de masculinidade, já que “não é preciso nenhum esforço para se verificar o quanto vivemos numa civilização que ainda tem uma conotação predominantemente masculina” (CHASSOT, 2004, p. 14).

Arelado a ausência de mulheres cientistas nos livros didáticos, dentro das escolas muitos professores “foram formados tendenciosamente segundo seu gênero e reproduzem esse modelo em suas aulas, portanto a(o)s estudantes assimilam essas ideias que, assim, conseguem

se perpetuar” (PORRO; ARRANGO, 2021, p. 254). Logo, a ausência de abordagens sobre mulheres na Ciência na prática docente acaba ampliando a visão de que Ciência não é coisa de mulher. Tais posicionamentos e estereótipos de gênero impostos, direta ou indiretamente, pelos professores em suas aulas contribui para a disseminação de uma visão desigual e sexista, que acaba refletindo nas escolhas profissionais dos alunos (BOURDIEU, 2000; CARDOSO, *et al.*, 2016). Coadunando com essa discussão, Reznik, et al. (2017), discorrem sobre o do papel da escola e dos docentes na construção das percepções dos seus alunos do fazer científico, onde eles podem se identificar ou não com os seus professores, o que pode contribuir em uma reflexão sobre seguir ou não uma carreira científica.

Nesse sentido, Cunha *et al.* (2014, p. 411) destacam que,

A escola, como parte da educação formal, tem papel fundamental na promoção de uma educação científica para todos — homens e mulheres — que os tornem capazes de enfrentar os desafios impostos pelo sistema Ciência/Tecnologia/Sociedade. O desestímulo à carreira científica é um dado geral e que deve ser visto por parte dos educadores com um olhar mais atento, pois isso certamente é reflexo de muitas de nossas práticas escolares e que deve ser constantemente repensadas. Nesse sentido, é inegável a função da escola na formação científica dos jovens e na motivação deles pela carreira.

Os autores trazem também o seguinte questionamento “como estimular os jovens a seguir as carreiras científicas se em muitas de nossas aulas ainda impera o repasse de conteúdos prontos e acabados?” (CUNHA, *et al.*, 2017, p. 411). Tal reflexão deve ser feita pelos professores de Ciências que tendem a seguir metodologias mais tradicionais.

Porro e Arango (2011, p. 254) destacam a relação professor/aluno, questionando:

(...) até que ponto é importante a relação das professoras e professores com suas alunas e alunos, na formação do indivíduo? Esse vínculo é crucial, pois o grau de estima que professoras e professores demonstram às alunas e aos alunos cria neles um sentimento de reconhecimento que exerce grande influência sobre a imagem pessoal, que pode chegar a determinar efeitos positivos ou negativos tanto no sucesso dentro do sistema educativo como no desenvolvimento pessoal.

Nota-se que a forma como os professores conduzem as suas aulas influencia na formação ou não de cidadãos críticos, na formação da personalidade dos seus alunos e, como já foi mencionado, na escolha da carreira científica. Partindo desses pressupostos, a formação de professores torna-se indispensável para que estes sujeitos transmitam “diariamente, em cada uma das salas de aula em que atuam, atitudes e valores que permitam às novas gerações a ideia de igualdade de gênero” (PORRO; ARRANGO, 2017, p. 262), quebrando tabus no que tange a participação, seja numa abordagem histórica ou atual, das mulheres nas Ciências.



Pensando em alternativas que possam contornar e acentuar tal cenário, felizmente, diversos projetos estão sendo desenvolvidos, especialmente por pesquisadoras das mais diversas universidades, e direcionados para meninas estudantes da Educação Básica, com a finalidade de incentiva-las a seguirem carreiras científicas.

Nesta perspectiva, o projeto Menina Ciência – Ciência menina (MCCM), realizado pela Universidade Federal do ABC (UFABC), desde 2019, tem como objetivo principal mostrar o papel de mulheres cientistas em diferentes áreas de atuação, e humaniza-las, ampliando os horizontes dos sujeitos participantes. Na sua primeira edição, o projeto foi realizado de forma presencial, nas dependências da UFABC, campus Santo André – SP, onde as meninas participaram de palestras de cientistas das mais diversas áreas e também realizaram atividades práticas nos laboratórios da universidade. Em 2020, em decorrência da pandemia de COVID-19, o curso teve que ser realizado de forma on-line, o que possibilitou a participação de meninas das diversas regiões do nosso país.

Em 2021, ainda na modalidade online, o curso trouxe uma novidade: foram abertas vagas também para professoras e professores atuantes no Ensino Fundamental anos Finais, com o objetivo de contribuir para que temáticas relacionadas as mulheres nas Ciências sejam incorporadas na prática docentes dos participantes. Foram ofertadas 50 vagas para esses profissionais, sendo que 42 vagas foram destinadas para professoras mulheres (30 vagas para professoras atuantes em redes públicas, e 12vagas para professoras atuantes em redes privadas) e 8 vagas foram destinadas para professores homens (5 vagas para professores atuantes em redes públicas e 3 vagas para professores atuantes em redes privadas).

As atividades desenvolvidas pelas professoras e professores selecionados envolveram, principalmente: acessar e analisar todos os roteiros de experimentos (que foram elaborados de forma que as estudantes, que também participaram do curso, pudessem desenvolve-los em casa com materiais de fácil acesso) e assistir as palestras que foram liberados semanalmente no site do projeto para poder pensar em possibilidades de adaptação e aplicação dos mesmos nos contextos escolares dos professores; participar das rodas de conversas e elaborar um relatório reflexivo sobre a sua atuação e seu desenvolvimento profissional ao longo do projeto; interagir nas discussões no *Google Classroom*.

Partindo desses pressupostos, a presente pesquisa tem como objetivo destacar as contribuições do curso de formação continuada Menina Ciência – Ciência Menina, edição de 2021, na perspectiva dos professores cursistas por meio da análise de relatos reflexivos que foram escritos por eles.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa é um recorte dos dados que foram coletados ao final do curso de formação continuada Menina Ciência – Ciência Menina 2021. Os sujeitos participantes são docentes atuantes da rede de Educação Básica, tanto da rede pública quanto da rede privada. Embora 50 docentes tenham realizado a sua inscrição no curso, somente 24 enviaram o relato reflexivo. Mas, para a pesquisa em questão, foram analisados apenas os dados de 10 professores, sendo 9 professoras do gênero feminino e 1 professor do gênero masculino, com faixa etária entre 23 a 45 anos.

O trabalho em questão é de natureza qualitativa, onde os dados são oriundos dos sujeitos participantes, vistos “não apenas como agentes interpretativos de seus mundos, mas compartilham suas interpretações à medida que interagem com outros e refletem suas experiências no curso de suas atividades cotidianas.” (MOREIRA, 2002, p. 50). Seguindo as premissas de uma abordagem qualitativa e os objetivos que norteiam esta pesquisa, o método utilizado foi o estudo de caso, pois retrata uma situação particular, mas de forma mais complexa (Lüdke e André, 1986).

Os dados utilizados são oriundos de relatos reflexivos elaborados pelos professores que participaram até o final do curso de extensão. Tal relato era uma atividade avaliativa, postada pelos professores no *Google Classroom*, e que foi subdividida em quatro eixos: 1- Palestras, rodas de conversa e interações; 2- Intervenção no contexto escolar; 3 - Reflexão sobre a prática docente e autoavaliação; e 4 – Avaliação do curso: sugestões, críticas e comentários. Este trabalho deteve-se ao eixo 1, onde os sujeitos destacaram as temáticas mais interessantes para a sua prática docente; contribuições das interações para a troca de conhecimento e quais as principais reflexões durante as discussões nos fóruns.

Os dados foram tratados sob a ótica da Análise Textual Discursiva, processo que recorre da apreciação de um conjunto de textos para estabelecer compreensões e atribuir alguns sentidos e significados aos mesmos (MORAES; GALIAZZI, 2011). Para os autores, na pesquisa qualitativa “a intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados” (MORAS; GALIAZZI, 2011, p. 11).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram analisados e sistematizados segundo a Análise Textual Discursiva (MORAES e GALIAZZI, 2011) que apontam o entendimento dos sujeitos participantes para o direcionamento do protagonismo estudantil das meninas, a humanização das cientistas e a aproximação da ciência com o cotidiano das estudantes. Assim, os dados foram organizados da seguinte forma:

- **Protagonismo estudantil das meninas**

Esta categoria emergiu a partir dos relatos de alguns professores que destacaram a importância do desenvolvimento de projetos como o MC – CM direcionado para meninas ainda em fase estudantil, que permitem uma interação direta com pesquisadoras das mais diversas áreas das Ciências, e contribui para elas possam ganhar confiança e até mesmo autonomia diante de determinadas situações, como enfatiza P3, que demonstra, também, surpresa em relação a uma determinada pergunta que foi elaborada por uma das meninas que participaram do curso:

*“Destaco também o quanto é sensacional juntar as meninas às pesquisadoras palestrantes por meio das rodas de conversa, em que elas tiveram a oportunidade do contato direto com as cientistas. Gostei muito de ver a interação e a troca que aconteceu nessas rodas, além de ter perguntas realmente interessantes como a presença de placas tectônicas em outros planetas, por exemplo (eu nunca havia me perguntado isso e adorei ouvir a resposta de quem entende do assunto).” (P3)*

Ainda nessa perspectiva, entende-se como protagonismo estudantil o processo onde os estudantes não apenas “espectadores” nas aulas, como se o conhecimento fosse transmitido em sala de aula, como ocorre no ensino tradicional, mas sim sujeitos críticos e participativos. Para tanto, é preciso repensar a prática docente, para que seja dialogada e instigue a interação de forma significativa dos alunos. Nesse sentido, para P1 *“Enquanto professores, também temos que nos adaptarmos às novas demandas e sair da nossa zona de conforto e buscar por novas abordagens de ensino, em que o aluno seja protagonista, neste sentido, tenho estudado e implementado a abordagem STEM.”*

É possível perceber que P1 tem um certo cuidado com a sua prática docente, e inclusive, implementa nas suas aulas a abordagem STEM, do inglês *“Science, Technology, Engineering and Mathematics”* (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática), e defende que os professores precisam se atualizar diante dos desafios que emergem no contexto social e escolar.

O posicionamento de P1 nos leva a defender os cursos de formações continuadas, que são alternativas que possibilitam os professores a seguirem novas práticas pedagógicas, com perspectivas mais amplas.

O papel e a influência do professor no protagonismo dos seus estudantes também são evidenciados por P6, que demonstra preocupação em relação as expectativas dos alunos e como o professor deverá lidar com isso:

*“A principal reflexão, no meu entendimento, diz respeito ao papel do professor nessa proposta educativa. Engajar os estudantes segue sendo o maior desafio e, tendo sido integrados, surge a nova questão que é integrar diferentes anseios, expectativas e níveis de apreciação aos assuntos a serem discutidos e estudados em aula. Nesse contexto atual, cabe ao professor evidenciar sim o protagonismo do aluno na construção do seu conhecimento.” (P6)*

Tais relatos mostram a importância da participação dos alunos diante das abordagens feitas pelos professores. E que estes profissionais precisam atentar-se as novas demandas não só dentro do contexto escolar, assim como, ter um olhar mais atencioso para questões no que tange as Ciências, que existem a muito tempo, mas, que não são abordadas em sala de aula, como a questões que envolvem as mulheres nas Ciências, por exemplo, e porque pouco se fala sobre elas na sala de aula.

- **Humanização das cientistas**

Já está categoria emergiu de relatos onde os professores apontaram a importâncias das cientistas, das mais diversas áreas, que palestraram para o curso, se colocarem, antes de tudo, como humanas, e na grande maioria das vezes, como mães e donas de casa. Nesse sentido, P9 retrata que *“as experiências variadas mostram as possibilidades que podem seguir desde as áreas do conhecimento quanto à realidade da vida fora da academia, como mães, profissionais, esposas e filhas”*, o que enfatiza que as meninas podem ser o que elas quiserem ser, e em qualquer lugar, desde que se dediquem para isso.

P3 enfatiza com o curso Menina Ciência – Ciência Menina humanizou as cientistas e interesse das meninas sobre os assuntos abordados nas palestras:

*“As palestras que pude assistir foram também muito interessantes, pois mostravam para as meninas do projeto cientistas de sucesso, professoras, pesquisadoras dentro e fora do Brasil, trabalhando os mais diversos temas, como taxonomia, vulcanismo, cores, oceano, etc. Ainda, destaco a humanidade deste curso ao mostrar para as meninas, as pesquisadoras em suas casas, com filhos e família, falando de suas carreiras e até de como as conciliaram com a maternidade. Percebi o interesse das*



*meninas nestes assuntos e adorei ver a naturalidade com que essas rodas de conversa humanizaram as cientistas, mostraram que fazer ciência é uma profissão como outra qualquer e que, assim como em outras carreiras, mulheres enfrentam diversas dificuldades, seja por serem mães ou qualquer tipo de preconceito.” (P3)*

O fato de que as cientistas exporem os seus outros lados, para além do fazer científico, da pesquisa e das universidades, contribuiu não só para aumentar o engajamento e a participação das meninas, como pontuou P3. Mas, também serviu como motivação para que os professores busquem por mais formações, que possam contribuir no processo de ensino e aprendizagem: *“era encantador ver como essas mulheres chegaram longe em sua profissão e também muito inspirador, o que me incentiva a cada vez mais buscar formação adequada para meu crescimento pessoal e profissional e isso reflete diretamente no meu desempenho em sala de aula.” (P4).*

Outros professores também salientaram a importância do curso para eles e para as meninas, a opções e os percursos que existem no âmbito científico:

*“Oportunizar meninas e professores adentrar nesse universo, com os relatos reais, experiências em diferentes campos, como biologia, matemática, física e química, relacionando as questões de gênero, étnicas, maternidade, as barreiras do mercado de trabalho, o mundo acadêmico, oportunidades e a jornada de cada cientista brasileira que conhecemos aqui.” (P10)*

- **A aproximação da ciência com o cotidiano das estudantes**

Esta categoria surgiu a partir de relatos que apontaram que o curso, as palestrantes, com uma linguagem acessível e a forma como os roteiros foram organizados, com materiais de baixo custo, e que muito provavelmente as meninas poderiam encontra-los em casa, contribuíram para aproximar as estudantes das Ciências mostrando, por meio de experimentos e palestras, que existe ciência em todos os lugares. *“Além disso, todas as palestras específicas de cada área foram muito enriquecedoras e trouxeram aprendizados, mostraram a aplicação da Ciência no cotidiano, como estes estudos funcionam e porquê eles são necessários”* como trouxe P2.

O curso também contribuiu para que os professores também começassem a ver novas possibilidades para poder mostrar para os seus alunos que a Ciência se encontra, implícita e explicitamente, no dia a dia de cada um deles. É o que pode demonstra P5: *“acredito que os temas abordados no curso me auxiliarão a fazer um “crosstalk” entre as disciplinas de física, matemática, química e biologia, aproximando-as do cotidiano do educando e a promover um pensamento científico crítico.”*



Já P7 destaca o quão necessário é participar de momentos de trocas, sejam de experiências positivas ou não, práticas e situações, entre os professores, pois podem ampliar os horizontes e até mesmo a forma de trabalhar um determinado conteúdo:

*“Os fóruns trazem respostas de questionamentos que nos professores respondemos todos dias, mas ler o relato de outros colegas cada um com sua realidade e cultura, amplia nossas possibilidades e permite que mostremos aos nossos alunos que existem muitas formas de aprender o mesmo conteúdo e muitas respostas para a mesma pergunta.” (P7)*

Outros docentes levantaram pontos relacionados ao distanciamento das universidades com a educação básica, que acaba, de certa forma, distanciando os próprios estudantes a ingressarem no Ensino Superior, por exemplo. P8 faz uma crítica sobre isso, ao passo que demonstra uma preocupação em relação ao fato de que as meninas podem acabar perdendo o encantamento pelas Ciências com o passar do tempo:

*“Além das reflexões “científicas”, fiquei pensando muito sobre o distanciamento da academia com a educação básica, das diferenças sociais e culturais presentes entre as meninas e os impactos no ensino de Ciências. Além disso, pensei muito sobre o encantamento das meninas e como isso se perde com o passar dos anos no Ensino Fundamental.” (P8)*

A preocupação de P8 é a mesma de muitos professores e pesquisadores. É preciso pensar em estratégias que evitem o distanciamento dessas e inúmeras outras meninas das Ciências. P10 destaca que *“é cada vez mais necessária essa aproximação, entre ciência, estudantes, professores, a acessibilidade e divulgação científica desde o início do ensino fundamental gerando proximidade e interesse.” (P10)*. Mas, como fazer isso? Discutindo cada vez mais sobre como se deu o desenvolvimento da História das Ciências, os fatores que levaram as mulheres a serem ofuscadas ao longo de todo o fazer científico. Tal discussão se faz necessária, para que as meninas possam ser motivadas a contribuir para que o número de cientistas mulheres cresça cada vez mais. Para que elas não percam o encantamento pelas Ciências. Para quebrar tabus quanto a superioridade masculinidade nas Ciência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De posse dos dados e a análise dos mesmos, podemos destacar algumas considerações sobre as reflexões dos professores que participaram do curso de formação continuada Menina Ciência – Ciência Menina 2021. Em síntese, o curso possibilitou que eles fizessem reflexões sobre a sua própria prática docente, com a finalidade inserir a abordagem sobre mulheres nas



Ciências em suas aulas, e como a ausência de tal abordagem acaba interferindo na incidência de meninas em carreiras acadêmicas, majoritariamente masculinas. Os docentes que fizeram o relato reflexivo também pontuaram que ao falar, de forma crítica e reflexiva, sobre cientistas mulheres, nas mais diversas áreas, inclusive áreas que são pouco conhecidas, as pesquisas que desenvolvem, onde trabalham e como trabalham, eles estão de certa forma mostrando para os seus alunos um mundo de possibilidades, e incentivando-os a ingressarem no Ensino Superior, e conseqüentemente seguir uma carreira científica. Assim, acabam instigando o protagonismo dos seus alunos, entendido aqui como um processo onde os mesmos são sujeitos atuantes, no processo de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto que também contribui para o protagonismo estudantil é o fato de o curso trazer palestras de cientistas mulheres, que se colocaram como mães, filhas, donas de casas, ou como alguns professores citaram, de forma humanizada. Mulheres como quaisquer outras, mas, com alguns diferenciais, como o fato de terem seguido carreiras científicas, mesmo inseridas em contexto predominantemente masculinos. Além disso, tantos os experimentos quanto as palestras levaram as meninas para situações do dia a dia, mostrando-as que existe ciências em qualquer lugar.

## **AGRADECIMENTOS**

As autoras agradecem a Universidade Federal do ABC pelo auxílio financeiro disponibilizado para que as mesmas pudessem ir apresentar o presente trabalho no VII CONEDU.

A autora principal agradece, de forma individual, a bolsa de fomento a pesquisa a ela concedida também pela Universidade Federal do ABC.

## **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, P. La dominación masculina. Barcelona: **Anagrama**, 2000.

CARDOSO, H. M.; SANTOS, A. P.; CARDOSO, M. H. de M. **Representações sobre gênero e ciência na formação inicial de professores**. *Anais III CONEDU...* Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: < <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/22201> >. Acesso em: 22 set. 2022.

CASAGRANDE, L. S.; CARVALHO, M. G. Educando as novas gerações: Representações de gênero nos livros didáticos de Matemática. **Atas ANPEd**, 29ª Reunião, 2006.

CHASSOT, A. A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora!... **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 19, n. 71-72, p. 9–28, 2004. DOI: 10.21527/2179-1309.2004.71-72.9-28. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1130>. Acesso em: 16 set. 2022.

CUNHA, M. B. da.; PERES, O. M. R.; GIORDAN, M.; BERTOLDO, R. R.; MARQUES, G de Q. DUNCKE, A. C. As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica. **Educación química**, Universidad Nacional Autónoma de México.. V. 25, n. 4, p. 407-417, 2014.

FRACALANZA, H.; MEGID NETO, J. (Org.). O livro didático de Ciências no Brasil. Campinas: Ed. **Komedi**, 2006.

HEERDT, B.; BATISTA, I. L. Saberes docentes: mulheres na ciência. Anais: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2017. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0549-1.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: **EPU**, 1986.

MARTINS, E. F.; HOFFMAN, Z. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. **ENSAIO Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 09, n. 1, p. 106-120, 2007. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/124/174>. Acesso em: 26 set. 2022.

MEAD, M.; MÉTRAUX, R. “The Image of Scientist among High-School Students”. **Science**, v. 126, n. 3270, p. 384-390, 1957.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva. 2ª ed. Ver. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MOREIRA, D. A. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: **Pioneira Thomson**, 2002.

PORRO, S.; ARANGO, C. A importância da perspectiva do gênero no ensino das ciências na América Latina. In. SANTOS, W. L. P. dos.; AULER, D. **CTS e educação científica: desafios, tendências e resultados de pesquisas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 241-263.

REZNIK, G.; CASTELFRANCHI, Y.; RAMALHO, M.; ATAIDE MALCHER, M.; AMORIM, L.; MEDEIROS MASSARANI, L. Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista? **Revista Estudos Feministas**. Santa Catarina, Brasil. v. 25, n 2. Maio-agosto. 2017. p. 829-855. Disponível em: [Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38151031019>](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38151031019) Acesso em: 22 out. 2022.